

CAPÍTULO 8

Dez anos depois da descoberta da arte do Côa: a caminho de uma contextualização?

■ THIERRY AUBRY

Doze anos passados após a criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa, os trabalhos arqueológicos vêm trazer à luz do dia um conjunto de conhecimentos que reforçam os argumentos avançados no momento da decisão de conservação *in situ* que culminaram com a inclusão na lista do Património Mundial da UNESCO destes conjuntos de arte gravada.

Uma abordagem geomorfológica à escala regional, baseada na reconstituição dos processos sedimentares ao longo do tempo, realça a fragilidade e o carácter aleatório da conservação dos vestígios deixados por caçadores pré-históricos, num território com estas características geológicas e topográficas (cf. Capítulo 3). Todavia, tal abordagem aplicada aos trabalhos de prospecção evidenciou vários sítios de *habitat*, algumas vezes enterrados e indetectáveis à superfície (cf. Capítulo 4.1). A reconstituição da dinâmica sedimentar permite também uma avaliação da representatividade das rochas gravadas actualmente visíveis. Este passo é primordial para autorizar uma análise objectiva da actividade gráfica e da sua importância nas sociedades paleolíticas.

Uma vez avaliado o filtro natural, conseguimos responder às perguntas lançadas no início deste trabalho?

Os vestígios da presença humana ao longo do Paleolítico Superior, essencialmente constituídos por restos líticos, revelam unicamente pequenos *flashes* da vida quotidiana de nómadas, das suas actividades, algumas das quais ligadas à caça, num território com nichos ecológicos diversos, ritmados pela sazonalidade da renovação dos recursos animais e vegetais (cf. Capítulo 5).

Um perfeito conhecimento da diversidade e dos modos de gestão do ambiente mineral está bem patente nestes vestígios. As escolhas, os gestos e a gestão da pedra em cada uma destas pequenas janelas abertas sobre o passado revelam a diversidade das soluções encontradas pelos grupos que se sucederam no mesmo lugar, para gerir quartzito e quartzo, matérias-primas locais e contornar a ausência de recursos líticos siliciosos de grão fino necessários para confeccionar as melhores armas. Os poucos sílices, oriundos de fontes da Estremadura e do Centro da Meseta situadas a mais de 200 km, testemunham a rede de longínquas relações que existiam nestas sociedades e indiciam aspectos relacionados com a relevância social do Côa (cf. Capítulos 2 e 5.1.3).

Entre os principais resultados, salienta-se obviamente a primeira datação objectiva para a arte rupestre ao ar livre, bem como para as manifestações gráficas sobre suporte móvel, obtida no Fariseu. Estas atribuições cronológicas, resultam da aplicação de três métodos diferentes (TL, OSL e ¹⁴C) tendo-se obtido resultados concordantes (cf. Capítulos 6.1 e 7.1.1) e estão em consonância com a análise da tipologia dos utensílios de pedra lascada. Para além de atestar definitivamente a idade paleolítica da arte, os dados revelam pelo menos duas fases de gravação durante o Paleolítico Superior neste vale: uma situada em torno dos 10 000 anos BP, em dados ¹⁴C, composta por arte parietal e móvel. A outra, mais antiga, corresponde às figuras picotadas e abradidas da Rocha 1, com uma cronologia de idade mínima de 18 400 cal BC, indicada pela identificação de um fragmento da parede gravada na unidade estratigráfica

8, o que leva a supor que a data ainda possa ser recuada, como sugerido pela data ^{14}C de cerca de 19 000 BP (c. 22 500-23 000 cal BP), obtida sobre um carvão recolhido no topo da unidade 9 do Fariseu e a descoberta de picos, com uma extremidade que revelou um desgaste compatível com o obtido pela realização experimental de gravuras, na ocupação gravettense da Olga Grande 4 (cf. Capítulo 7.2.2). Todavia, como o indica a descoberta de arte móvel na unidade 7 do sítio do Fariseu, o registo da arte rupestre do Vale do Côa não se esgota em paralelos estilísticos com as figuras das duas fases definidas com base nos trabalhos no sítio do Fariseu. A continuação da investigação e o aumento dos efectivos das peças de arte móvel permitirá provavelmente caracterizar com maior precisão a variabilidade da produção artística contemporânea de cada uma e de outras fases gráficas.

Muitas perguntas ficam por responder, e estes doze primeiros anos só levantaram o véu sobre culturas milenares de pequenos grupos humanos, ainda desconhecidas há pouco, que souberam aproveitar a diversidade ecológica e povoaram este território ao longo de gerações.

Douze ans après la découverte de l'art du Côa: vers une contextualisation?

Dix ans après la création du Parque Arqueológico do Vale do Côa, les recherches archéologiques ont apporté suffisamment de connaissances pour renforcer les arguments avancés à l'époque de la décision de conserver *in situ* ces sites d'art rupestre, avant de les classer sur la liste du Patrimoine mondial de l'Unesco.

L'approche géomorphologique à l'échelle régionale, axée sur la reconstitution des processus sédimentaires, met en évidence le caractère aléatoire de la conservation des vestiges laissés par les chasseurs collecteurs dans un tel environnement géologique et topographique (cf. Chapitre 3). Pourtant, une telle approche appliquée aux travaux de prospection a permis de détecter plusieurs sites d'habitat, parfois enterrés et indétectables en surface. Une reconstitution dynamique peut aboutir aussi à une évaluation de la représentativité des roches gravées actuellement visibles. Cette étape est primordiale si l'on veut tenter une analyse objective de leur signification et de leur rôle dans les sociétés paléolithiques.

Une fois l'importance du filtre naturel évalué, avons-nous réussi à répondre aux questions posées dans notre avant-propos ?

Les vestiges, essentiellement lithiques, de la présence humaine au cours du Paléolithique supérieur nous révèlent seulement de courts flashes de la vie quotidienne de nomades (chasse, traitements du gibier, etc.) au rythme de l'apparition saisonnière de ressources animales et végétales. Une parfaite connaissance de la diversité de l'environnement minéral, alliée à une gestion adaptée, est manifeste. Les choix des roches, les gestes des tailleurs, nous montrent la diversité des solutions adoptées par ces groupes qui se sont succédés en un même lieu, pour tirer profit des filons de quartz et des quartzites locaux, palliant ainsi l'absence de roches siliceuses à grain fin, afin de façonner les pointes de leurs armes de chasse. Les rares silex, originaires de sources de régions du littoral portugais et du centre de la Meseta, nous rappellent le vaste réseau de relations qui existaient au sein de ces sociétés et sur l'importance sociale qu'a put tenir le Côa (cf. Chapitres 2 et 5.1.3)

Parmi les principaux résultats, on doit souligner la première datation objective, pour l'art rupestre de plein air et les manifestations graphiques sur support mobilier, obtenue dans la Vallée du Côa. Ces attributions chronologiques sont renforcées par le fait d'avoir été réalisées selon trois méthodes différentes (TL, OSL et ^{14}C) et d'avoir donné des résultats concordants (cf. Chapitres 6.1 et 7.1.1). Outre la démonstration définitive de l'attribution stylistique au Paléolithique, les données révèlent deux principales phases graphiques dans la vallée. L'une, datée autours de

10 000 BP (en date radiocarbone), est représentée par des figurations pariétales et mobilières. L'autre correspond aux figures piquetées et rainurées sur paroi rocheuse; leur âge est antérieur à 18 400 cal BP, d'après la découverte d'un fragment de la surface du panneau gravé dans la strate 8 qui a fournie cette date. Cependant, la date de réalisation des tracés peut être bien antérieure, comme le suggère l'âge radiocarbone des alentours de 19 000 BP (c. 22 500-23 000 cal BP) obtenu à partir d'un charbon trouvé au sommet de l'unité stratigraphique 9 de Fariseu et les pics, dont les extrémités triangulaires portent des traces d'endommagement semblables à ceux obtenus lors de la réalisation expérimentale de gravures, trouvés dans l'occupation gravettienne de Olga Grande 4 qui pourraient avoir servi d'instruments de gravure (cf. Chapitre 7.2.2). Néanmoins, comme l'indique la découverte d'art mobilier dans l'unité stratigraphique 7 du site de Fariseu, le registre rupestre de la vallée du Côa n'est pas limité stylistiquement à ces deux phases définies sur la base des découvertes du site de Fariseu. La poursuite des recherches et la mise au jour de nouveaux vestiges d'art mobilier permettront sûrement de mieux évaluer la variété de la production artistique au cours du temps.

De nombreuses questions demeurent posées et ces douze premières années de recherche n'ont fait que lever un pan du voile. Cependant, des pistes sont maintenant ouvertes pour reconstituer les modes de vie de petits groupes humains au sein de cultures millénaires encore méconnues il y a peu.

Ten years after the discovery of the Côa art: towards a contextualisation?

Twelve years after the creation of the Côa Valley Archaeological Park, archaeological research in the area has contributed a whole body of knowledge supporting the scientific arguments originally presented to support the decision to preserve these rock art sites *in situ*, prior to World Heritage listing by UNESCO.

A geomorphological approach, focusing on the reconstitution of sedimentation processes at a regional scale, highlights the random nature of the preservation of the evidence left by prehistoric hunters-gatherers in this geological and topographical environment (cf. Chapter 3). Survey work inspired by such an approach nevertheless detected several settlement sites that, in some cases, were buried and undetectable from the surface (cf. Chapter 4.1). The reconstitution of the sedimentary dynamics also provides insights concerning the representativity of the engraved rock faces surviving today. This step is of primordial importance for any objective analysis of their meaning and of the role they played in Palaeolithic society.

Once the importance of the natural filters has been assessed, is it possible to provide answers to the questions raised in the foreword?

The remains of the Upper Palaeolithic human occupation of the area consist for the most part of stone tools. They reveal no more than short flashes in the daily life (hunting, carcass processing, etc.), at the rhythm of the seasonal availability of plant and animal resources, of people that were highly mobile. A complete knowledge of the diverse mineral environment, coupled with appropriate management strategies, is readily apparent. The technical gestures and raw-material choices of the knappers highlight the variety of solutions adopted by the groups that occupied the area at different times but, in order to overcome the lack of fine-grained siliceous rocks and produce tips for their hunting weapons, had to make do with the same range of local rocks (quartz and quartzite). The few flints found come from sources in littoral Portugal or in the centre of the Meseta, reminding us of the vast network of relations established by these societies and of the social importance that the Côa may have had for them (cf. Chapter 2, 5.1.3).

Among the main results, we must emphasise the first scientific dating of the region's open air rock art, as well as of associated mobiliary art item. These results were obtained at Fariseu, and they are all the more securing because they correspond to concordant determinations on different kinds of samples and by three different methods (TL, OSL and ^{14}C) (cf. Chapters 6.1 and 7.1.1.). Besides confirming beyond reasonable doubt the stylistical dating to the Palaeolithic, the data suggest a subdivision of the valley's art into two main phases. The more recent, dated to about 10 000 BP (in radiocarbon years), is represented by both parietal and mobiliary motifs. The earlier corresponds to the figures pecked and incised on rock faces; its age must be in excess of 18 400 calendar years, the date obtained for layer 8, wherein a fallen fragment from the decorated surface was found. This, however, is simply a minimum age, and one that may actually significantly postdate the time of execution of the figures, as suggested by 1) the fact that charcoal from the top of layer 9 was radiocarbon-dated to about 19 000 BP (i.e., to ca. 22 500-23 000 calendar years ago), and 2) the finding in the Gravettian occupation of Olga Grande 4 of picks with a triangular tip that could well have been used as pecking tools (their use-wear is identical to that seen on replicas used in modern engraving experiments) (cf. Chapter 7.2.2.). We must also bear in mind that, the discovery of mobiliary art in layer 7 of Fariseu indicates, the Côa Valley rock art encompasses more than just these two, Fariseu-based phases. Continued research, and the discovery of additional mobiliary art item, is needed in order for a better understanding to be achieved of the ways in which artistic production changed through time in the area.

Numerous questions remain open, and these first twelve years of research represent little more than removing a piece of the veil. But open tracks now exist to further explore the life ways of small human groups and their millenary cultures that, until recently, were simply unknown.